

POR LÂDEIRAS E CUMES

NA SERRA DAS FONTES

QUEM vive em ilhas ou nelas passa por força ou recreio, a subida às alturas é uma tentação invencível, desejo maior do que escalar montanhas por febre de alpinismo em terras continentais.

Os horizontes do mar são meia libertação, e é pelas águas que tem de procurar-se o resto do mundo, já que para um nativo ilhéu, a sua terra é quâsi o mundo todo; e pelas ondas de tempestade ou calmaria, há-de ir embarcado quem regressar deseje, para o júbilo de ver de novo o fumo do seu lar.

Aqui perto da vila de Santa Cruz, esta tão nomeada Serra das Fontes amplia o panorama do Monte da Ajuda, e a descoberto ficam, para as bandas do Norte e Poente, os Ilhéus do Barro Vermelho, o morro informe e encarvoado do Pico Negro, a coluna branca do Farol da Ponta da Barca, eterno solar dos garajaus, os cerrados de vinhedo nas chãs do Calhau Miúdo.

E vai-se abrindo vista para o Pico do Bom Jesus, para a distância luminosa da Vitória, cuja ermida ao céu ficou agradecendo a derrota dos piratas argelinos; e mais longe, em férvidas neblinas, os áspero Picos do Pôrto Afonso e Jorge Gomes, ao lado do moinho da Ribeirinha, para além do qual se estende, até às asas do sol-poente, a imensidade azul e inquietá do Oceano.

O olhar embebe-se em farândolas de luz adolescente nas baixas lavradas da Serra Branca, nas vertentes, espraiadas em ondas verdes do Pico do Timão e nos pincaros da Serra Dormida; bem se

divisam as casotas da Cova, a Feiteira, as Pedras Brancas, e para mais longe, a aldeia da Luz, com suas árvores de fruto e sombra, a regalar as vivendas.

Por forte capricho de doença, só hoje, em trégua de vento agreste e importuno, foi possível tentar a ascensão a êstes penhascos e admirar mais uma vez, ao sol, a doce paz do caminho das Covas, a povoação serena e branca de Guadalupe com a sua igreja clara e protectora. E da planície engomada e fértil, lá se desprende, a subir, o caminho do Pontal, das Almas e de São Miguel Arcanjo, deixando em meditação o pequeno cemitério, pôrto seguro aonde já não chega o flagelo das tristes paixões e tempestades do mundo.

Ainda que vistos de revés, logo se reconhecem à direita o Monte da Forca, e o da Ajuda com as três ermidas celebradas, e para lá, à borda de água, os casebres do antigo Pôrto da Barra e a Ponte da Pesqueira, com ondas mansas, de espantar.

Estamos aqui a dominar os velhos depósitos de água, as Fontes, reservatórios que impedem de morrer à sede este povo de Santa Cruz. Por aqui circula, de porta em porta, correndo galerias ensombradas, o anão Sérgio, parente daquele que o génio de Velásquez immortalizou, se não é ele próprio, por artes mágicas, algum dos seus modelos.

Atrás dêle, como a seguir um génio tutelar, pude entrar numa das minas, chegar a ver brotar a água da terra e bebê-la na concha da mão, sem mistura, nem receio, pela primeira e última vez, desde que a esta ilha me arremessaram.

No eirado da Casa das Águas era o jantar de amigos, ali solidários em affecto e sinceridade. Estima e melancolia. Saudades me ficam da saudade dêste dia, em que olhos e corações leais ali vieram dizer-me adeus, com abraços e palavras que não mentem.

.....

Ao cair da tarde, em misterioso tear, no céu começou a tecer-se a neblina: as

coisas nascem e renascem, a flutuar em silêncio, a quedar-se em contemplação. O nevoeiro cresce, doba-se e enrola-se, de todos os lados avança, a cerrar os véus ao sol, enquanto as codornizes ainda cantam a voltejar os ninhos, celebrando a alegria da vida que por elas se continua em amores e cuidados.

Com o sol a descer e a névoa a subir, vão morrer os encantos da tarde. Apaga-se o vulto da Serra, o dia não tarda a expirar e com êle também finda um inglório destêrro que não tinha razão de começar.

Sem horizontes turvados de inveja ou ambição, por aqui demorará até à morte, o anão Sérgio, fiel depositário de um tesouro, guarda da saúde, a velar sempre pelas águas e sua pureza; por cá ficam êstes passarinhos, também fiéis à lei da vida, e sem pecados, como êle.

Subindo pelo pasto, vão dispersas as reses, e na luz cinzenta da tarde, umas ou outras detêm-se esbatidas, imóveis como penedos, deixando de ser malhadas,

morenas ou pretas, para se tornarem difusas, no ar suspensas em véus de cinza. Interrogam o espaço, à procura da macia cama de relva, em que não há viboras nem bichos com peçonha; docemente chamam para ela os filhos, a fim de todos juntos ali dormirem, sob o opulento velário das estrêlas.

Descendo, descendo, repetem-se os aspectos, à nova luz que os transfigura.

Ressurgem outeiros, agora vistos de outro lado, mais ásperos ou mais veludíneos, com seus tons de azulina e cobre. A Ilha parece que está tôda em tôda a parte, pois de qualquer ponto se abrange a sua brincada pequenez de vergel; por centos de talhões se vêem estendidos fofos tapêtes, para os passear e gozar a vista com agilidade ou lassidão.

É o verde tenro dos trigos e milharais, a ondulação rebrilhante e argêntea das cevadas, a úmida face das ervagens e pascigos.

Natureza serena e casta, primor de esforço, de tenacidade e de amor, nesta

hora os meus olhos a contemplam com sentido e grato enternecimento.

Terra que se vê e revê, sem se repetir: que não fatiga de monotonia, porque sempre e sempre a matizam de irradiações inquietas, o mar e o céu.

São eles que brincam a pintar as colinas, vales e arribas, que transfiguram a gente, enriquecem os andrajos e seriam capazes de humanizar as feras, se pelas frondes dêstes matos houvesse animais ferozes de nascença.

A Serra das Fontes para mim ficará sendo uma recordação de nobre e obsequiosa gentileza, de reconhecimento tão vivo como as suas flores silvestres e o humilde musgo dos seus muros e penedos que a ninguém jamais agravaram, e só não dizem os seus anseios e segredos às pedras, porque estas pedras não sabem ouvir...

9 de Junho de 1940.

Por afectuosa intimação, não me era permitido abandonar a Ilha, sem admirar a mais alta das suas varandas sobre a palpação da terra e a largueza do mar.

Tinha de obedecer às ordens da autoridade, o que é muitas vezes agradável dever de cidadão pacífico; havia de escalar a Serra Branca que ostenta o brasão de honra e justiça do mais subido miradouro da Graciosa.

Dirigem-se os passos ao cimo da Canada, pelo Tanque, vendo-se no caminho a casa da velha Carlota, morada humilde, enfeitada e risonha, exemplo de pobreza alegre e asseada.

E quando se ganhá o planalto, pisando mato rasteiro e bebendo os ares mais lavados da altitude, a linha da costa se surpreende tôda, a desdobrar-se em relevos e recortes. Daqui pode fazer-se a chamada geral dos montes e vales da Graciosa, dos casais e povoados, que

todos responderão, menos a vila da Praia, orgulhosamente recostada detrás da Caldeira que não longe vai amostrando a bocarra azul. Os olhos sobrevoam a risonha e saudável terra da Ilha inteira, e já podem, para além do mar, deter-se na distância de São Jorge, deitada como grande monstro marinho; maravilham-se na imponência do cone do Pico, terra mais alta de quantas portuguesas são, e lá para longe, no confuso abraço de nuvens e águas, a Ilha do Faial que parece nascer agora, entre vaporadas ferventes, na aurora do mundo.

Pássaros, muito raros. Algum perdido queimado e poucos casais de estorninhos. Fogem da altitude e suas asperezas onde não encontram abrigos, nem tepidez de atmosfera para os ninhos.

Esplanada aqui, outra esplanada além dêste socalco, invejável aeroporto seria este lugar, para futuros planos e manobras de defesa, se por decretos dos homens possível fôsse suster ou regulamentar os nevoeiros, por este circuito da

Ilha que os olhos percorrem em curtos instantes.

Aqui são os baldios, logradouro comum da Graciosa, de que podem ser utentes para seus gados, todos os moradores de qualquer qualidade ou condição que sejam, conforme a letra áurea das providências régias.

Benfazejo comunalismo rural para compáscuo e granjeio, fórmula de justiça social dos nossos concelhos da Idade-Média, de que no Continente também ainda há sobrevivências, dando a todos bom proveito, sem os encargos da propriedade particular, já hoje meio socializada pela cobiça e pelos impostos.

Nos estreitos limites de uma pequena ilha, ainda tal regime é possível e praticável, com agrado e benefício geral, funcionando êste planalto como parque de pecuária, para vacas e éguas de criação, cavalos e burros de quem os tem, e não os quere ou não pode estabular.

Quando aos seus donos convém, em qualquer tempo do ano, os gados para

aqui são trazidos e por cá se alimentam e dormem, bebendo água do grande charco que a natureza renova e lhes oferece pela roda das quatro estações.

No inverno, o vento é impetuoso e cruel, a soprar de todos os quadrantes nestas alturas sem defesa. Aos seus ferozes e constantes ímpetos de tufão, nenhuns abrigos resistiriam. As telhas voavam em poeira para o mar, e os próprios madeiramentos rolariam nos escombros. De todos os esforços viriam a ficar somente as ruínas, e êste silêncio, longo e longo, que agora reina.

Enquanto não fôr possível dominar os elementos ou fabricar arribanas de rocha, tem de se deixar viver três ou quatro centos de reses à lei da natureza. Os animais deitam-se nos abrigos das pedras, muitos sofrem e vão morrendo de frio, longe da vista de seus donos.

Agora, de vez em vez, as vacas mugem de fartas ou de cio, e assim proclamam aos céus e à terra o seu atestado de vida e de saúde.

A êstes três visitantes que não possuem aqui uma só cabeça, fixam-nos com estranheza e sereno desdém, a querer certificar-nos de que a domesticidade é violência e escravatura, e de que, mesmo à chuva e ao frio, podem bem prescindir de cuidados humanos para sua vida e procriação. Se falassem, logo diriam que não são precisos criadores: basta-lhes o pasto, ao sol da Serra que a todos Deus dá em sorte.

Se lhes entendessem a fala, seriam capazes de gritar: Viva a liberdade dos bois, das vacas e dos burros!... E até muitos homens lhes fariam eco, todos quantos agora vivem sujeitos a disfarçadas formas de escravidão...

Por todos os lados, o mar muito perto, mas bem longe se cuida, porque não o ouve quem estiver farto de o ouvir. Os muros dêste domínio são em profundidade pelo corte da riba a prumo, ou pequenas paredes que as alimárias poderiam transpor, a caminho dos estábulos. Mas, decididamente, elas não querem, e

por cá ficam no gôzo da sua personalidade, livre e autónoma. Fazem verdadeira inveja aos donos e aos visitantes de hoje...

Na altitude serena, em feliz dia de sol, amplia-se a paz bucólica na solidão, com horizonte para todos os quadrantes da agulha. E desta tórre de almenara vulcânica, tôda a Graciosa se vê, a ilha parece ao mesmo tempo pequena e grande, admirando-a erguidos no píncaro dêste paraíso dos animais, neste opulento tesouro dos pobres...

10 de Junho de 1940.